

Aproximações entre a análise diagnóstica por imagens com a análise semiótica em telejornalismo¹

Cárlida EMERIM²

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

O artigo reflete a possibilidade de aproximação entre a análise diagnóstica por imagens da área da saúde com análises semióticas de produções em telejornalismo com vistas a buscar um percurso norteador comum que enfatize a eficácia deste tipo e abordagem bem como proporcione uma utilização interdisciplinar da proposta metodológica que vem sendo empregada pela autora desde 2004. Utilizando-se da revisão bibliográfica sistemática articulada com preceitos do Telejornalismo e da Semiótica Discursiva, o artigo apresenta os primeiros resultados de uma etapa de pesquisa demonstrando que o processo de diagnóstico por imagens esta alinhado com o roteiro de etapas comuns a ambos os campos, como a sequencia da descrição de imagens, a decomposição em unidades expressivas, a análise e a interpretação do que foi “decupado”.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo; Análise de Imagens; Epistemologia; Revisão Bibliográfica Sistemática; Semiótica Discursiva.

Para um começo de conversa

O jornalismo é uma instituição social que responde ao preceito do dever de informar ao público sobre tudo que lhe seja essencial de forma clara e imparcial. Este preceito na televisão ganhou um poder e um status pelo fato de ter levado a informação jornalística para públicos muito heterogêneos e ter alcançado, inclusive, aquela parcela da população que tem baixo letramento, tendo nas imagens e sons sua grande fonte de conhecimento.

O telejornalismo atual não só aquele emitido pela televisão aberta, mas principalmente, o distribuído em diferentes plataformas, vem ganhando cada vez mais força e poder de influenciar a sociedade. Sua natureza hiperbólica, híbrida e inovadora desafia os estudiosos que ainda não dispõem de modelos teórico-metodológicos para compreender, de fato, este fenômeno. Acredita-se que o permanente e intenso contato

¹Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, Mestre em Semiótica, Doutora em Processos Midiáticos, professora e pesquisadora na Graduação e Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Líder do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo, Vide-Coordenadora da Rede de Pesquisadores em Telejornalismo (Rede TELEJor). E-mail: carlida.emerim@ufsc.br

da sociedade com os produtos televisivos, contato esse potencializado pela internet e pelas redes sociais, só ajudam a reiterar a importância da televisão neste contexto contemporâneo. Em outra direção, a da estrutura narrativa televisual e seus textos complexos, adotados e reconfigurados para a exibição/disponibilização/circulação na internet comprovam a pertinência de estudos que se interessem por analisar este tipo de produto jornalístico televisivo. E, ao mesmo tempo, centrar o foco nos aparatos teórico-metodológicos a disposição dos analistas ou, então, desafiar-se à proposição de novas perspectivas diante dos escassos e, muitas vezes, reduzidos métodos para enfrentar a complexidade, a hiperbolização e hibridação dos textos televisivos contemporâneos, principalmente aqueles que se destinam ao jornalismo ou ao que se define telejornalismo, o jornalismo para telas.

Esta problemática surge da experiência desenvolvida junto a resultados obtidos em produtos jornalísticos televisivos tanto em Projetos de Extensão no Curso de Jornalismo bem como na observação sistemática da tentativa de adaptação dos meios tradicionais de produção jornalística a este novo contexto. E, ainda, o surgimento de novos formatos através de rede sociais e/ou outros indivíduos que disponibilizam experimentos via internet e principalmente em canais do Youtube. Este contexto permite refletir sobre a produção televisual na contemporaneidade bem como sobre a formação destes novos telejornalistas que parecem estar num aspecto intermediário entre *gamers* e *youtubers*.

Em meio a esta situação, os meios imagéticos são os que mais experimentam todas essas mudanças. A cada nova invenção, novas possibilidades narrativas, novas formas de mostrar/exibir/representar/apresentar o mundo, suas palavras e coisas, para o próprio mundo. Um impacto enorme para o telejornalismo, visto que ele é fortemente padronizado pela linguagem, influenciado, diretamente, pela tecnologia e refém, eterno, da inovação. Portanto, um cenário de crise. Talvez a maior mudança social esteja, exatamente, no ser humano e em seu poder de estar conectado ininterruptamente, há milhares de outros seres humanos em diferentes espaços pelo mundo.

Este público receptor das produções jornalísticas televisivas, frente a esta conectividade e intermediação descentralizada, tem se mostrado eclético e volátil, não se fidelizando a um produto ou programa. Alvin Tofler (1980³) cunhou o termo *Prosumer* para designar aquele consumidor produtor que foi se desenvolvendo ao longo

³ TOFFLER, Alvin. **A terceira onda**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

dos anos 90 e, na atualidade, pode-se assumir o termo *Prosumer pro*, ou seja, o consumidor produtor transmissor/divulgador. Uma ideia, ainda não tornada conceito, mas que enfatiza a necessidade do consumidor/telespectador ver aquilo que ele deseja no telejornalismo, se não encontra, produz e publica, ele mesmo, em outros espaços tirando da mídia tradicional o poder único de exibir produções.

Além de produzir e exibir, o telespectador quer também aparecer nas produções, um desejo antigo desde que a televisão surgiu: os telespectadores querem fazer parte do mundo televisivo, ser alguém neste universo midiático. Esta possibilidade, trazida pela internet, pelas redes sociais como *Facebook* e *Youtube*, ratificam esta mudança social e potencializam novas narrativas, a interlocução do público com o jornalismo de televisão.

É, nesta direção, que a pesquisa maior que se desenvolve⁴ enfatiza o olhar e tenta contribuir na proposta de mapear e sistematizar dados que permitam conceituar e pensar metodologias de análise para este tipo complexo de texto, utilizando-se de forma basilar, dos preceitos da Semiótica Discursiva para compreender estes objetos bem como propor formas de os analisar e refletir.

Para o presente artigo é objetivo apresentar algumas verificações realizadas numa etapa indicial da pesquisa sobre a forma mais usual em diferentes áreas de análise de imagens, perpassando nesta etapa específica, pelo campo da saúde, analisando o processo de diagnóstico por imagens, os diferentes exames e o modelo de diagnósticos que se utilizam de imagens⁵. Para chegar a estes resultados utilizou-se o método da Revisão Sistemática (RS) que é um modelo de revisão de literatura e/ou bibliográfica que visa buscar evidências na etapa primária dos estudos com vistas a aumentar a potencialidade das pesquisas a serem empreendidas resultando em informações mais específicas e eficazes para trazer os âmbitos em aberto a serem enfrentados nos temas escolhidos. Ou seja, a RS prevê uma síntese que possa proporcionar uma ampla apreensão do conhecimento, conforme Botelho, Cunha e Macedo (2011) e surge em áreas como a saúde e a engenharia com o objetivo de *obter evidências para dar suporte ao aumento das intervenções e informações científicas* (pg.123).

⁴ A pesquisa mencionada intitula-se **Estudos em Telejornalismo: Linguagem, Tecnologia e Inovação – Fase 1**, é desenvolvida no âmbito da Graduação, junto ao Curso de Graduação em Jornalismo (JOR) e da pós-graduação, junto ao Programa de Pós-graduação em Jornalismo (PPGJOR) do Departamento de Jornalismo da UFSC(SC).

⁵ Esta etapa contou com o apoio fundamental de alunos de graduação pesquisadores integrantes do Programa de Bolsas de Iniciação Científica do CNPq/UFSC (2017-2018), Amanda Rosa e Felipe Sales.

Além de mostrar estes primeiros resultados, é objetivo do artigo também trazer uma aproximação destas evidências com uma proposta de análise de produtos televisuais voltada para os estudos do jornalismo para telas, ou o telejornalismo, que vem sendo empregada desde 2004 por esta autora, em diferentes níveis de pesquisa não só em TCC's, Iniciação Científica como em Dissertações de Mestrado e suas próprias pesquisas, fundado na Semiótica Discursiva.

Além desta introdução, o artigo se divide em mais três itens incluindo as conclusões provisórias.

A Pertinência de Estudos do Campo do Telejornalismo

O jornalismo se apresenta como um campo relativamente novo de investigação se considerar a discussão dicotômica que o engendra definindo-o enquanto uma forma de conhecimento ou como uma prática do fazer. Pela perspectiva mais pragmática, sua função e especificidade parecem estar inseridas na grande área da comunicação, mas, ao mesmo tempo, do ponto de vista da forma de conhecimento, os aparatos comunicacionais parecem apenas estar a serviço de sua operacionalidade.

Outra questão a ser levantada refere-se aos modelos de análise dos objetos jornalísticos que, muitas vezes e de modo geral, por desconsiderarem esta relação (forma de conhecimento específica e a função prática), não conseguem dar conta do tipo de produto resultante do jornalismo, partindo, assim, de pressuposições idealizadas cujas comprovações engessam a pesquisa e em pouco ampliam as premissas já existentes. Longe de encerrar a discussão ou mesmo de assumir um dos lados destas perspectivas, acredita-se que o jornalismo é uma forma de conhecimento que se efetiva pelas suas práticas específicas e a função social que exerce nas sociedades modernas. É, portanto, um campo de estudos que se permite estar no interior da comunicação como também autônomo dela, enquanto área das Ciências Sociais Aplicadas, embora se efetive a partir de atos e processos comunicativos, mas devendo ser compreendido a partir da sua totalidade e modo específico: produção, exibição/circulação e recepção de produtos e processos jornalísticos.

Em outra direção, toda vez que uma nova tecnologia surge os seres humanos tendem a profetizar a vida e a morte de tudo que a envolve. Os meios de comunicação,

de modo geral, sempre estiveram atrelados à tecnologia e às suas evoluções, assim como o jornalismo.

Mas, sem dúvida, os meios imagéticos foram os que mais sofreram com todas essas mudanças. Como já se apontou, a cada nova invenção, abrem-se novas possibilidades narrativas e, em meio a este turbilhão um tanto quanto entrópico, encontra-se o jornalismo de televisão, ou o telejornalismo, que surgiu, ele próprio, como uma grande inovação, pois, a partir do suporte televisual, se permitia a exibição ao vivo dos acontecimentos através do aparelho de tele-visão no interior das casas, trazendo as histórias do mundo para o cotidiano, para a intimidade, bem perto dos expectadores.

Ao longo do tempo, com o barateamento dos aparelhos e a ampliação dos sinais de transmissão no interior do Brasil, o telejornalismo foi se constituindo, junto com o a própria mídia televisiva, uma referência em cultura, informação e entretenimento para uma grande parcela da população brasileira. Ao mesmo tempo, também, consolidando-se como mídia hegemônica e forte influenciadora dos movimentos e crenças da sociedade brasileira, a partir do seu surgimento nos anos 50.

Apesar de termos o sistema de televisão disponível à sociedade desde 1920, ainda hoje é difícil desmistificar o seu poder integrador e, ao mesmo tempo, “manipulador” do tempo e das “mentes” das pessoas. Sim, a televisão tem muito poder e o maior deles foi ser o primeiro sistema audiovisual a permitir uma relação de intimidade entre o meio e o ser humano: ela passou a habitar as casas das pessoas, trazendo as imagens do mundo para a intimidade do lar. Este convívio construiu uma relação de credibilidade e de verossimilhança nunca antes experimentados pela sociedade com os outros meios de comunicação.

Como já se disse em recente publicação⁶, essa capacidade de expressão da televisão sempre esteve ligada ao seu dispositivo, a imagem em movimento, ao seu meio técnico de produção e a sua forma narrativa. Cada nova possibilidade ou mesmo restrição, trazia outras características ao processo produtivo. As mudanças nos equipamentos de captação, edição e reprodução de imagens, desde os primórdios - com películas e processos cinematográficos - até a atualidade, com a alta resolução e o processo de virtualização digital, foram cruciais ao processo de produção televisual, principalmente, para o **Telejornalismo**.

⁶ A explicação sobre este processo integra o artigo publicado no livro da Rede de Pesquisadores em Telejornalismo, Rede TELEJor, no ano de 2015, que tematiza os 65 anos de Telejornalismo no Brasil, devidamente referenciado na bibliografia.

Há alguns anos, partindo da premissa do jornalismo como uma forma de conhecimento, assumiu-se a perspectiva de que o telejornalismo precisa ser compreendido como uma disciplina dentro da ciência do jornalismo e, por isso, com possibilidades de ter seus conceitos específicos. Partindo desta perspectiva e assumindo a Semiótica como um campo teórico de base dos estudos e pesquisas, têm-se ensaiado diferentes aplicações da Semiótica Discursiva em torno dos objetos do jornalismo e, mais recentemente, em específico, do jornalismo para as telas, qual seja, o telejornalismo.

A televisão é um espaço de transições provisórias e, nesse contexto, o telejornalismo se constituiu nos últimos 68 anos no Brasil como um espaço de muitas mudanças tecnológicas, algumas delas mais significativas para os modos narrativos (língua) dos produtos telejornalísticos do que outras. Algumas delas instituíram-se como inovação, outras não. É preciso, no entanto, entender os fundamentos que justificam a centralidade do televisivo nos estudos em jornalismo.

O jornalismo televisivo surge e se distribui em diferentes plataformas, que tem na crise um elemento de pressão para mudanças nas rotinas produtivas do âmbito da produção, circulação e reconhecimento de notícias, de modo que obriga o analista contemporâneo a investigar a natureza dessa crise e o próprio conceito de crise nos textos-produtos jornalísticos televisivos.

É preciso evidenciar, também, que o sistema televisivo como suporte comunicacional é o mais completo e acessível meio de produção de conteúdo jornalístico em circulação na atualidade para a maioria da população (não só a que acessa, mas também a que produz).

E, considerando os constantes e “ferozes” ataques em torno de sua condição massiva e hegemônica, é obrigatório ao analista televisivo a investigação das condições de produção e de reconhecimento dessas críticas pontuais ao processo produtivo e as relações que estabelece com os fazeres produtivos dos produtos jornalísticos televisivos, em diferentes plataformas midiáticas bem como nos diferentes âmbitos de interesse de qualquer professor pesquisador, qual seja o ensino, a extensão, a pesquisa acadêmica e o mercado profissional.

Na próxima sessão se apresenta brevemente os fundamentos dos dois campos de estudo que embasaram as aproximações.

Fundamentos do Diagnóstico por Imagens e da Semiótica Discursiva

É comum na atualidade a realização de muitos exames de imagens para se buscar mais evidências para diagnosticar diferentes enfermidades. Não somente o raio X, a tomografia computadorizada, a cintilografia, a ultrassonografia, a ressonância magnética entre outros como também as fotografias dentárias e de procedimentos cirurgicos (principalmente os estéticos) fazem parte do cotidiano de muitas especialidades da medicina. Ao observar alguns exames e os respectivos laudos bem como a avaliação de diferentes profissionais sobre estes exames, percebeu-se que em alguns momentos as evidências se pareciam muito com o tipo de análise e interpretação comum ao campo da semiótica. Nos estudos clássicos e históricos da semiótica, ela esta associada ao diagnóstico clinico e aos estudos de regularidades sobre sintomas e prescrições (HENAULT, 2006). Essa profusão de exames por imagens digitais e a semelhança e proximidade motivou uma prévia inserção neste tipo específico de estudo, confirmando depois disso, a pertinência de se realizar uma análise comparativa entre o campo da saúde e do telejornalismo, do ponto de vista de análise e metodologia de análise de imagens.

Afinal, se a análise destes exames se dá através de imagens, é possível encontrar pistas de como potencializar e melhorar os estudos das imagens da mídia, em especial, as do telejornalismo. Imagens estas que estruturam-se a partir de códigos ou signos, que proporcionam uma série de aspectos físicos identificados pelo profissional da saúde, como os que se pode ver em radiografias nas quais é preciso ter o conhecimento prévio da anatomia normal ou saudável da parte analisada – o que significa dominar os códigos imagéticos da imagens saudável daeule órgão, pra depois ter conhecimento para identificar anomalias. Stimac e Kelsey (1994) afirmam que para o radiologista moderno é necessário o domínio do conhecimento da teoria e o emprego correto delas para atuar em várias funções como *consultor clinico, especialista técnico, examinador habilitado e, ocasionalmente, médico comprometido com a terapêutica* (p. 01). Esta teoria que envolve matemática (com dimensões, padrões de volume e tamanho, cálculos de probabilidades e estatística, etc), física (principios de eletronica, elétrodos, energia, raios luminosos, etc.), e os conhecimentos específicos de cada área como a anatomia e as próprias experiências, pode ser aproximada com a forma como se analisam imagens da mídia, pois, há também a preocupação com disciplinas especificas permeadas pelas

experiências e conhecimentos individuais dos campos e das pessoas envolvidas nos processos de análise. Ao realizar um estudo de imagens, os analistas da saúde partem da descrição das imagens utilizando os aspectos encontrados como elementos de comparação com os objetos de base (neste caso os órgãos saudáveis). Há uma gama enorme de códigos e de imagens pré-estabelecidas com cores e tons estruturados (tons de branco, preto, cinza e suas nuances e tonalidades, para imagens de exames radiográficos e computadorizados (sem cor), outros mais específicos com tonalidades, volumes e colorações para exames em cor e métodos de contrastes). Como explica Tommasi (1998) o processo consiste em desenvolver por etapas começando pelo prognóstico – sintomas e sinais que são examinados e reunidos desde a consulta clínica, etapa definida como *anamnese*⁷, passando pelo planejamento terapêutico – que faz a análise dos sintomas e dos resultados dos exames realizados e uma interpretação que resulta na escolha das práticas e técnicas a serem empregadas e, por fim, a proervação – estágio de observação periódica até a cura. Ou seja, os analistas da saúde se utilizam de uma série de estruturas codificadas que permitem desde a categorização e a compreensão do que são sintomas clínicos para as doenças como o que seriam os resultados dos exames, partindo de uma série de elementos que permitem analisar e interpretar essas imagens – do indivíduo que se mostra e suas enfermidades visíveis ou não, aos exames que exibem aquilo que não se pode ver diretamente. Em todas estas etapas o modelo ou técnica de base que permite os estudos e a eficácia das fases é a descrição. É através da descrição de cada etapa destes processo que se permite evidenciar características, aspectos, condicionantes, entre outros elementos que estabelecem um conjunto de resultados permitindo analisar como condição normal ou anormal, contando, também, com o conhecimento acumulado de suas experiências profissionais:

[...]. Os médicos, no decorrer de toda a sua vida (e não só na profissional), adquirem milhões de informações que podem ser mobilizadas repentinamente e automaticamente para o diagnóstico, num processamento subliminar do qual a consciência não se dá conta. Mas é um raciocínio tão feito de dados como o consciente. (PINTO FILHO apud TOMMASI: 1998, p. 13)

⁷ O termo vem do grego e quer dizer recordar, é quando o paciente explica ao médico tudo o que lhe aconteceu e o que lhe traz ao consultório; o médico refaz o percurso do início do problema até aquele momento.

Ou seja, a interpretação dessas descrições são atravessadas pelas experiências individuais e coletivas bem como pelos contextos de geração ou de produção dessas evidências. Assim, os médicos observam as descrições detalhadas das imagens consideradas saudáveis (ideais), assim como das que apresentam diversidade daqueles códigos e sistemas estabelecidos e, dessa forma, adquirem o conhecimento necessário para comparar com as imagens de seus pacientes e chegar a um diagnóstico (MOREIRA; PRANDO, 2007).

A análise se faz a partir de padrões codificados: tons, dimensões, formas, volumes, entre outros elementos que são sistematizados e servem de apoio ou base para interpretação das imagens. No caso, há conhecimento anatômico por parte do médico, que sabe reconhecer esses padrões nas imagens. “É necessário salientar o que é normal, e suas variações, para reconhecer alguma patologia” (ANTONIAZZI; CARVALHO; KOIDE, 2008, p.195). Nos diferentes manuais observados, o termo semiologia é utilizado para os capítulos que descrevem com maior detalhes e circunstâncias os aspectos do que se queira tratar, seja um exame, um dente, um comportamento, etc, incluindo suas características físicas, morfológicas, historiografia – desenvolvimento (normal e anomalias), estruturas e defeitos.

De forma objetiva, o processo empregado para definir estes percursos perpassam pela descrição, pela estruturação desses elementos descritos e pela categorização e análise dessas diferentes descrições. Portanto, como se pode comprovar em Tommasi (1998) e em Stimac e Kelsey (1994), o processo básico de análise de imagens na medicina radiográfica e no processo de diagnóstico por imagens é descritivo, comparativo e interpretativo.

Para PIETROFORTE (2007), podem-se distinguir três abordagens da Semiótica: 1) a doutrina dos signos de Charles Sanders Peirce, 2) o formalismo russo e, 3) a teoria da significação desenvolvida por Greimas que não enfatiza as relações entre os signos, mas *o processo de significação capaz de gerá-los* (p.07). Assim, a semiótica visa elaborar uma teoria da significação que possa dar conta não só das línguas, mas também, de todas as linguagens e, para tanto, se propõe a analisar as crenças, sentimentos e atitudes que cada sociedade adota frente às suas linguagens, partindo dos efeitos de sentido produzidos pelas “coisas” do mundo. Nesse contexto, preocupa-se com o *sentido* e o processo de produção do sentido; parte do pressuposto de que a

produção de sentido deve ser o objeto de uma análise estrutural que tem por horizonte a organização que o homem social faz de sua experiência.

La semiótica no puede quedarse en el estudio de las manifestaciones superficiales. Tiene que averiguar las estructuras profundas. Lo visible y, en general, todo lo perceptible, sólo es un iceberg de la auténtica realidad. Descubrir las estructuras formales es limitarse a la comprensión parcial. La semiótica es la ciencia de la totalidad y de la profundidad. Interesa la vida latente de la realidad. Al explorarla desvelamos también el sentido manifiesto. (HERREROS, 1978, p.25).

A Semiótica Discursiva surge da mobilização de diferentes concepções teóricas: pela Epistemologia e pela Teoria da Lingüística, através de proposições de Saussure, Hjelmslev e Benveniste; pela Antropologia fundada em Durkheim, Mauss, Lévi-Strauss e Dumézil e, a partir desta concepção, constrói uma inter-relação com a hermenêutica advinda de Paul Ricoeur, com a Pragmática e a Teoria dos Atos da Linguagem de Austin e Searle, como também com a vertente que opera com a metodologia etnográfica oriunda de Goffman. Mas, para a proposição metodológica apresentada neste artigo, interessam autores mais específicos como Hjelmslev e Greimas, pois, é a partir deles que se fundamenta o percurso metodológico de base aplicado pelo GIPTele.

Nessa proposta metodológica da semiótica discursiva, os produtos do telejornalismo são considerados textos telejornalísticos e cuja análise se dá no nível discursivo. Para compreender este texto numa análise de suas imagens, é necessário entender e considerar o contexto que o engendra, as especificidades e regularidades que o constitui bem como sua forma de produção técnica, sua natureza e o meio de produção que o produz. Essa análise das imagens do telejornalismo não pode ser realizada de forma isolada ao processo midiático que o constitui, qual seja, o dos textos midiáticos contemporâneos e que habitam este universo da mídia. Dessa forma, parte-se de sua processualidade externa para depois voltar-se para o interno e realizar uma análise aprofundada de suas características mais intrínsecas, observando e descrevendo as marcas discursivas que o constituem, os elementos constitutivos de seus planos de expressão e plano de conteúdo. A **Semiótica Discursiva** propõe-se a ser uma Teoria Geral do Sentido bem como uma metodologia operatória para a descrição dos discursos e das práticas sociais. Estudar, portanto, o Telejornalismo a partir do olhar semiótico é considerar seu modo de produção e de geração de sentido, a maneira/forma que este se constrói para provocar significações e interpretações. Para tanto, adotou-se uma

estrutura de análise que se divide em etapas, do âmbito maior para o menor, para a análise de produções telejornalísticas em diferentes plataformas: 1) o objeto em relação ao espaço midiático que está inserido; 2) o objeto em relação ao seu emissor responsável; 3) o objeto em relação a grade que o engendra (programação); 4) o objeto e a análise geral até mesmo comparando-o com outras de suas próprias emissões/episódios; 5) o objeto em análise detalhada, partindo da seleção de uma parte deste seu todo, para um estudo mais aprofundamento.

O que fundamenta o processo de análise nesta perspectiva semiótica discursiva é a técnica de descrição, mas, aplicado ao telejornalismo, inclui-se também a decupagem que amplia a descrição aprofundando a descrição de todas as unidades ou elementos constituintes do campo expressivo (planos, enquadramentos, cores, movimentos de câmera, composição de cena, etc) e de conteúdo (falas, trilhas, etc). A técnica da *decupagem*, que é uma prática comum na produção de material cinematográfico e videográfico, foi adaptada para esta metodologia de modo a operacionalizar essa descrição em profundidade de todos os elementos que envolvem o material telejornalístico, permitindo, após este processo, compreender os efeitos de sentido pretendidos e o sentido do sentido produzido. Em 2012, apontou-se uma divisão deste processo de decupagem em dois módulos sequenciais: 1) a decupagem geral e, 2) a decupagem interna, permitindo observar, na primeira, os aspectos e características comuns a todos, ou as suas regularidades, e, na segunda, os diferenciais, as anomalias ou as características específicas. Portanto, o processo de análise de imagens da mídia pela semiótica discursiva emprega as etapas de descrição, análise e comparação e interpretação. No item a seguir, apresentam-se as comparações que foram possíveis realizar entre o modelo metodológico de análise de imagens aplicado no diagnóstico por imagem do campo da saúde com a metodologia da Semiótica Discursiva utilizada para análise de imagens no Jornalismo para Telas.

Aproximações Possíveis

Incondicionalmente vive-se a era das imagens, visto que todo e qualquer produto ou elemento de nosso dia-a-dia está acompanhado de imagens, de diferentes suportes e fixações, efêmeras ou concretas. Aliado a este contexto, agrega-se, ainda, esta inserção e participação mais ativa da sociedade sobre o que vê e o modo como se dá este ver. É

fato que desde sempre existem as imagens e os estudos sobre elas se estruturam desde Platão e Aristóteles, passando por Eisenstein, Griffith, Bazin, incluindo Flusser e muitos outros, mais contemporâneos, cujo propósito circundava a busca de entendê-las em sua essência e processo, em como fazê-las da melhor forma; compreender e descobrir sua função, seu papel enquanto elemento da sociedade e, também, muito mais recente, de interpretar e entender os seus significados para os homens. Uma breve mirada sobre a história das imagens possibilita afirmar que elas sempre existiram e quase sempre servem a usos, individuais ou coletivos, determinadas para algum fim, portanto, raramente a sua produção é desplugada de intencionalidades. Vejam os exemplos de imagens utilizadas para propaganda, para a informação, para a reiteração ou explicitação de religiões, para fins ideológicos, enfim. Estes fins podem ser considerados um modo direcionado ou manipulado de se produzir imagens, e aqui reside um poder: o produtor da imagem domina o objetivo, sabe de antemão o que quer e aonde quer chegar e produz com propósito de alcançar determinado resultado. Ora, este axioma se aproxima da definição de poder advinda de vertentes da sociologia que o compreende como uma ação que visa obter resultados.

Nesta direção, também a noção de produção de imagens pode ser aproximada a esse conceito de poder, pois, a imagem está intimamente ligada ao domínio do simbólico e é esta uma das razões essenciais para a sua produção, afinal, ela se insere em meio ao espectador (ser social) e a realidade. Aliás, em *relação ao real*, Arnheim (1980) propõe distribuí-las a partir do peso/**poder** ou **valor** que lhe é possível atribuir, assim: o valor de **representação** – refere-se aquela imagem que representa coisas concretas, com referência no mundo real; o valor de **símbolo** – refere-se aquela que representa coisas abstratas, sem referência no mundo real; o valor de **signo** – refere-se àquelas imagens que representam um conteúdo cujos caracteres não são visualmente refletidos por ela. Também, segundo o mesmo autor, também pontuado por Joly (1996) e Aumont (1993), as imagens têm funções que as englobam em três grandes categorias: **o modo simbólico** – àquelas que servem de símbolo para dar acesso a diferentes mundos: o religioso, o sagrado; para veicular novos valores associadas as novas formas políticas, tais como democracia, progresso, etc; **o modo epistêmico** – àquela que traz informações (visuais) sobre o mundo, que assim pode ser conhecido, inclusive em alguns de seus aspectos não visuais; **o modo estético** – àquela que é destinada a agradar seu espectador, a oferecer-lhe sensações específicas. Gombrich (1986; 2012) defende a

hipótese de que a imagem tem por função primeira garantir, reforçar, reafirmar e explicitar nossa relação com o mundo visual: ela desempenha papel de descoberta do visual. Essa relação é essencial para nossa atividade intelectual e o papel da imagem é permitir que essa relação seja mais aprofundada, aperfeiçoada e dominada.

Não se pode esquecer, como já se ressaltou, que as imagens são sempre moduladas por estruturas profundas, ligadas ao exercício de uma linguagem, assim, como à vinculação a uma organização simbólica (a uma cultura, a uma sociedade). Mas a imagem é também um meio de comunicação e de representação do mundo, que tem seu lugar em todas as sociedades humanas. A imagem é universal, mas sempre particularizada. É possível estabelecer um tipo de público a que destina uma determinada imagem, mas é preciso também reconhecer que há especificidades que precisam ser levadas em conta para que se possa, realmente, atingir os objetivos da proposta. Neste aspecto, a linguagem é o elemento de articulação destes sentidos.

No telejornalismo, por exemplo, o conteúdo se preocupa em apresentar assuntos que interesse a segmentos cada vez mais específicos e, ao mesmo tempo, as telas da atualidade (tevé, smartphone, tablet, etc) com suas infinitas possibilidades e avanços tecnológicos, estão mais integradas na vida cotidiana e, de uma forma intensa. Pela sua função de mediação, ao trazer os fatos do mundo para a intimidade, para dentro da casa do cidadão, como se ali acontecessem, o **telejornalismo** aqui entendido como *o jornalismo para as telas* (EMERIM, 2015) cria um espaço específico de vivência que marca a passagem entre o exterior e o interior e, ao mesmo tempo, derruba a fronteira entre o público e o particular ou privado. Esta vivência articula sentidos que são potencializados pelos códigos específicos desta relação semiótica, ou, pela semiose, constituindo uma gramática específica de formas de expressão e conteúdo. Para compreender o processo de expressão televisual é preciso entender essas e outras características, afinal neste espaço de apresentação da realidade, onde o imediatismo de sua reprodução técnica lhe concede o status de recorte do real, potencializada pela mídia convergente, interativa e compartilhada, é no espaço determinado pela tela que se dá a representação da realidade.

Em relação ao que se pode ver das evidências, ficou claro que o processo de descrição das imagens precedido do conhecimento prévio dos códigos que permitirão entender e analisar para depois interpretar faz parte dos dois campos estudados e que a

descrição – decupagem potencializa a compreensão ou a apreensão do conhecimento específico, sendo assim, contribuindo para a elucidação do fato em análise.

E, se, no campo da saúde, como bem diz Tommasi (1998) *o diagnóstico é apenas parte de um processo clínico bem mais coimplexo que visa à eliminação da doença e à eliminação da doen’ca e a reabilitação do paciente* (pg. 07), da análise em telejornalismo, esse diagnóstico também é apenas parte de um processo maior que visa compreender a produção de sentido e o sentido desta produção, portanto, para analisar, comparar e interpretar, os métodos estudados apresentam a descrição – decupagem como técnica que potencializa o encontro das evidências e a testagem das hipóteses e premissas de trabalho. Sendo assim, é possível e pertinente aproximar, como se apontou, algumas modalidades como a comparação e o pré-conhecimento dos códigos para que esta proposta de análise possa ser empregada de forma multidisciplinar.

REFERÊNCIAS

- ANTONIAZZI, Mônica C. Camargo; CARVALHO, Pedro Luiz de; KOIDE, Cláudia Harumi. **Importância do conhecimento da anatomia radiográfica para a interpretação de patologias ósseas.** RGO - Revista Gaúcha de Odontologia, Brasília, DF, 56.2, 2008. Disponível em: <<http://www.revistargo.com.br/viewarticle.php?id=1151>>. Acesso em: 26 jan. 2018.
- BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BECKER, Beatriz. *Televisão e Telejornalismo: Transições*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.
- CALABRESE, Omar. *A idade neobarroca*. Lisboa: Edições 70, 1987.
- _____. *El lenguaje del arte*. Barcelona: Paidós, 1987.
- _____. *Los juegos de la imagen*. Bogotá: Instituto Italiano de Cultura, 1995.
- CARLÓN, Mario. *Do cinematográfico ao televisivo – metatelevisão, linguagem e temporalidade*. Trad. Cecília Prada. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2012.
- _____. (orgs.); FECHINI, Yvana. *O fim da televisão*. Trad. Diego Andres Salcedo. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014.
- CASSETTI, Francesco & DI CHIO, Federico. *Análisis de la televisión: instrumentos, métodos y prácticas de investigación*. Barcelona: Paidós, 1999.
- EMERIM, Cárilda; CAVENAGHI, Beatriz ; FINGER, Cristiane. **Metodologias de Pesquisa em Telejornalismo**. Sessões do Imaginário (Revista Eletrônica), Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 2-9, 2017. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/28073/15935>>. Acesso em: 10 abr. 2018.
- EMERIM, Cárilda (org.). *Pesquisa em Telejornalismo: resultados e experiências*. Novo Hamburgo: Ed. FEEVALE, 2011.
- _____. *As entrevistas na notícia de televisão*. Florianópolis: Insular, 2012.
- _____. *Análise da narrativa televisiva: do programa ao texto*. In: PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo (orgs.). *Narrativas comunicacionais complexificadas*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.
- _____. *Telejornalismo e Semiótica Discursiva*. In: VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs.). *Telejornalismo em questão*. Florianópolis: Insular, 2013.

- _____. *Telejornal, tecnologia e narrativa no Brasil para os próximos 65 anos*. In: VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs.). *Telejornal e Praça Pública: 65 anos de telejornalismo*. Florianópolis: Insular, 2014.
- _____. *Semiótica discursiva: aplicações na pesquisa em jornalismo*. In: SCÓZ, Murilo; VANDRESEN, Monique; RAMALHO e OLIVEIRA, Sandra (orgs.). *Proposições interativas – modos de produzir sentido*. Florianópolis: UDESC, 2016.
- EMERIM, Cárilda; PAULINO, Rita. *Ensaio sobre Televisão e Telejornalismo*. Florianópolis: Insular, 2013.
- FABBRI, Paolo. *El giro semiótico*. Barcelona: Editorial Gedisa, 1999.
- GOMBRICH, Ernest Hans. **Arte e ilusão**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- _____. **A história da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- _____. **Gombrich essencial**. São Paulo: Bookman, 2012.
- _____. **Usos das imagens**. São Paulo: Bookman, 2012.
- GREIMAS, A. *Semiótiqve figurativie et sémiótiqve plastique*. Besançon: C.N.R.S., 1984.
- GREIMAS, A & COURTÈS, J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1989.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Semiótica e ciências sociais*. São Paulo: Cultrix, 1976.
- _____. *Del sentido II*. Madri: Gredos, 1989.
- HERREROS, Mariano Cebrián. *Introducción al lenguaje de la tele-visión: una perspectiva semiótica*. Madrid: Ed. Piramide, 1978.
- HIGGINS J.P.T.; GREEN, S (editors). **Cochrane Handbook for Systematic Reviews of Interventions Version 5.1.0** [updated March 2011]. The Cochrane Collaboration, 2011. Available from www.handbook.cochrane.org, acessado em 2017.
- HJELMSLEV, Louis. *Ensayos lingüísticos*. Madrid, 1972.
- _____. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise de imagem**. Tradução Marina Appenzeller. 14. ed. Campinas: Papirus, 2010.
- MOREIRA, Fernando A.; PRANDO, Adilson (Ed.). **Fundamentos de radiologia e diagnóstico por imagem**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- NÖTH, Winfried; SANTAELLA, Lucia. **Introdução à Semiótica: passo a passo para compreender os signos e a significação**. São Paulo: Paulus, 2017.
- ORTIGUES, Edmond. Interpretação. IN: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987, v. II, pp.218-233 *apud* VICENTE, Tania Aparecida de Souza. **Metodologia da análise de imagens**. In: Revista Contracampo. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. Niterói: n. 4, 2000, p. 147-158. Disponível em: <<http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/view/422/209>>. Acesso em: 10 dez. 2017.
- STIMAC, Gary K.; KELSEY, Charles A.. **Introdução ao diagnóstico por imagens**. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 1994.
- TOMMASI, Antonio Fernando. **Diagnóstico em patologia buscal**. Rio de Janeiro: Pancast, 1998.
- VASSALO de LOPES, Maria Immacolata. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Ed. Loyola, 2010.